

LEITURA EM VOZ ALTA COMPARTILHADA

LUIZA MILANO (ORG.)

2023

1ª edição

Porto Alegre

editora
ZO
UK

Conselho Editorial

Cristiane Tavares – Instituto Vera Cruz/SP
Daniela Mussi – UFRJ
Idalice Ribeiro Silva Lima – UFTM
Joanna Burigo – Emancipa mulher
Leonardo Antunes – UFRGS
Lucia Tennina – UBA
Luis Augusto Campos – UERJ
Luis Felipe Miguel – UnB
Maria Amelia Bulhões – UFRGS
Regina Dalcastagnè – UnB
Regina Zilberman – UFRGS
Renato Ortiz – Unicamp
Ricardo Timm de Souza – PUCRS
Rodrigo Saballa de Carvalho – UFRGS
Rosana Pinheiro Machado – Universidade de Bath/UK
Susana Rangel – UFRGS
Winnie Bueno – Winnieteca

2023 © Luiza Milano

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Tatiana Tanaka

Fotos da capa: Manuel Surreaux

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD
Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

L533

Leitura em voz alta compartilhada [recurso eletrônico] / organizado por
Luiza Milano. - Porto Alegre : Zouk, 2023.
192 p. ; PDF.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-105-0 (Ebook)

1. Leitura. 2. Linguística. I. Milano, Luiza. II. Título.

2023-1014

CDD 410

CDU 81'1

Índice para catálogo sistemático:

1. Linguística 410
2. Linguística 81'1



direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

O que a leitura em voz alta me fez enxergar

Karina de Castilhos Lucena

Não é novidade que a literatura é anterior ao objeto livro tal como o conhecemos hoje, que a oralidade sempre participou da composição estética. Ficamos muito tempo atados à leitura como experiência burguesa; por sorte a contemporaneidade tem cada vez mais nos forçado a retomar a noção de literário para além das formas restritas ao livro lido individual e silenciosamente. Agora, com vozes antes lateralizadas começando a figurar com certo destaque – especialmente as tradições indígenas e afrodescendentes –, o contemporâneo parece unir as pontas com o ancestral, e experiências coletivas, ritualizadas, performáticas voltam ao centro do debate literário.

Vejo a leitura em voz alta como parte desse processo de retomada do caráter coletivo do literário. A leitura compartilhada parece restituir à literatura uma função comunitária que a especialização crítica pode ter contribuído para esconder. Se, por um lado, a crítica literária tem papel determinante na avaliação e circulação dos textos de literatura, por outro, não são raros os exemplos em que a superespecialização naturaliza o literário como bem de consumo apenas para iniciados. Não se trata de fazer coro ao discurso antiacadêmico lamentavelmente tão em voga neste Brasil que nos tocou viver; trata-se, ao contrário, de historicizar e atualizar a tarefa crítica, reforçando sua base política e social.

Como professora de Literatura, participar do projeto *Leitura em Voz Alta* me fez enxergar novos ângulos dos livros, às vezes potencializando minhas interpretações prévias, às vezes contrariando-as. Passo a comentar algumas dessas impressões, amparada nas experiências de leitura compartilhada de *Cem anos de solidão*, *Lavoura arcaica*, *Livro do desassossego* e *Dom Quixote*.

Escrevi minha dissertação de mestrado sobre o romance de García Márquez; como professora de Literatura Hispano-Americana, já perdi a conta de quantas aulas ministrei sobre *Cem anos*. Mesmo tendo lido e relido o romance e parte da fortuna crítica do autor, foi com a leitura compartilhada em voz alta que tive a real dimensão da comunicabilidade da prosa do colombiano. Parte importante dos estudos sobre *Cem anos* tenta compreender sua natureza de clássico imediato, *best-seller* mil vezes reeditado e traduzido. As

explicações vão do domínio da técnica da contação de histórias herdada da avó, versão estimulada pelo próprio García Márquez, ao mercado profissionalizado do final dos anos 1960 que possibilitou um fenômeno comercial como o *boom* da literatura latino-americana, passando por argumentos intermediários entre a memória familiar e o *business*.

Foi lendo e ouvindo o livro em voz alta que me dei conta do quanto a fluência é estrutural. São vinte capítulos, todos eles com mais ou menos vinte páginas, ou seja, esse livro mundialmente qualificado como exemplar máximo do realismo mágico é altamente controlado em sua estrutura. Não se trata de um paradoxo, obviamente, mas seria esperado que o conteúdo fabular ensejasse uma forma mais livre, à semelhança de um *Grande sertão: veredas*, para ficar em um exemplo ótimo. Mas não, a opção de García Márquez é pela regularidade, como se dissesse ao leitor: vou te apresentar um mundo novo, mas não te assustes que o caminho é seguro, tem entrada e saída. Essa segurança me parece que ajuda a explicar o alcance do livro, o fato de ter conquistado tantos e diversificados leitores, especialmente entre os não especializados em literatura.

A leitura em voz alta de *Cem anos* também me mostrou que a repetição de Aurelianos e José Arcádios na narrativa não causa tanta confusão quanto na leitura solitária. Hoje, praticamente todas as edições do livro incluem a figura da árvore genealógica dos Buendía para orientar o leitor nas diferentes gerações da família e ciclos históricos de Macondo. Não me lembro de termos verbalizado no grupo de leitura a necessidade de consultar essa árvore, de alguém interromper a dinâmica para verificar qual Aureliano estava em cena em determinado momento; parece-me que na experiência compartilhada cada leitor dá suporte ao outro para se deixar guiar pelas linhas de força do romance, deixando para trás, ou para depois, aspectos laterais. Na leitura coletiva, o tempo também é coletivo, as inseguranças individuais têm que esperar o momento certo para se manifestar e, quando chega esse momento, às vezes nem existem mais. Viram tópico da conversa pós-leitura, mas não dificuldades da leitura em si.

Com *Lavoura arcaica*, a experiência de leitura compartilhada também me revelou algo novo. Se com *Cem anos de solidão* nos deparamos com capítulos planejados que possibilitavam uma dinâmica também calculada pelo grupo de leitura (em cada encontro líamos dois capítulos e tínhamos cerca de trinta minutos para conversar), com *Lavoura arcaica* tivemos que lidar com capítulos de extensão muito diversa e, principalmente, sem divisão por parágrafos. Em que momento passar a voz? Essa decisão aparentemente administrativa diz muito sobre a estrutura do romance de Raduan Nassar.

O monopólio da voz exercido por André, esse jorro linguístico sem fim, os poucos diálogos presentes na narrativa dão dimensão do quanto a retórica religiosa do pai é interna ao filho, para seu desespero. Essa retórica, quase uma ladainha, lida em voz alta, acentua uma força ritual que compõe o cotidiano e o conflito patriarcal daquele mundo imigrante. Escutar o transe de André em diferentes vozes, com a cadência que cada um dá àquilo que lê, amplia a euforia angustiada do personagem, além de deixar explícito o esmero de Nassar na construção de sua prosa poética.

Passo agora a comentar uma experiência diferente. A leitura de *Cem anos de solidão* e a de *Lavoura arcaica* em voz alta me foram igualmente prazerosas, mesmo sendo livros de composição tão diversa. No caso de *Livro do desassossego*, a leitura foi me entediando à medida que avançávamos. Certamente o inacabamento do livro de Fernando Pessoa, seu caráter fragmentário e inconcluso, a ausência de enredo e personagens clássicos colaboraram para essa sensação, que se deve menos à qualidade da prosa de Pessoa, e mais à instabilidade das edições do livro. Começamos lendo edições diferentes que nos levaram a impasses vários (trechos ausentes ou muito diferentes) e pouco a pouco fomos nos concentrando em uma edição específica. Por um lado, administrar esses impasses exigiu do grupo um compromisso extra que fortaleceu vínculos, por outro, o centro do encontro, em alguns casos, deixou de ser a literatura e passou a ser o objeto livro.

Comecei este texto afirmando que a literatura é anterior ao objeto livro, e me dou conta agora da importância do objeto livro para a leitura em voz alta. Obviamente tivemos momentos ótimos lendo os fragmentos de Pessoa, quando sua prosa poética se impôs sobre as dificuldades editoriais, mas não é irrelevante o valor de uma edição estável. O importante é que, embora a leitura do *Livro do desassossego* tenha sido para mim menos prazerosa – o que diz muito sobre a forma como lido com os desassossegos da vida –, a experiência me ensinou de outras formas, em um plano mais cartesiano do que emocional.

Seja porque não consegui suportar o incômodo da leitura desassossegada, seja porque ingressei em seguida em período sabático, fiquei afastada por um tempo do projeto. Retornei agora para a leitura de *Dom Quixote* e para o lugar confortável que encontrei em *Cem anos* e em *Lavoura*. A leitura está em curso, no momento em que escrevo este texto estamos no capítulo XLII da primeira parte. Novamente, a leitura em voz alta me faz enxergar mais.

Ernani Ssó, o tradutor da edição que adotamos, sempre que tem oportunidade de falar sobre o livro reforça que o traço constitutivo da obra de Cervantes é o humor. Já perdi a conta de quantas vezes caímos na gargalhada

durante os encontros de leitura, o que diz muito sobre a qualidade da tradução de Ernani e sobre a composição do texto de Cervantes. De novo, a experiência coletiva acentua traços menos ostensivos na leitura individual. É mais difícil gargalhar sozinho, né?

Outro aspecto que me saltou aos olhos agora, especialmente porque foi tópico de nossas conversas pós-leitura, é que talvez Quixote e Sancho não sejam bem protagonistas do livro. É claro que eles são o fio condutor da narrativa, mas é realmente surpreendente a quantidade de capítulos em que eles simplesmente não aparecem, capítulos em que Cervantes passa a palavra para outros personagens contarem suas histórias. Com isso, *Dom Quixote* parece dialogar diretamente com as *Novelas exemplares* que Cervantes escrevia paralelamente ao romance, e a leitura tão reforçada pela crítica de *Dom Quixote* como primeiro romance ocidental, centrado na consciência de um indivíduo, parece relativizar-se. Tem muito de *As mil e uma noites* em *Dom Quixote* – aliás, a presença árabe é maior do que se costuma referir, seja em personagens que aparecem o tempo todo, seja na menção a manuscritos que são traduzidos, comentados etc. E tudo isso ficou muito mais visível para mim porque aceitei, juntamente com os demais participantes do projeto, ocupar esse lugar de Sherazade.

Só me cabe agradecer a Luiza por criar esse projeto que me faz enxergar mais e melhor. Mas o aprendizado maior não é o do ofício da crítica, é o do tamanho da literatura, capaz de reunir um grupo de pessoas com interesses díspares, muitas vezes divergentes, em torno de uma experiência de compartilhamento que encena no micro o que gostaríamos de ver no macro: respeito e apreço pela voz do outro, dissenso produtivo, indispensabilidade da arte.

Referências

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. Tradução de Ernani Ssó. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2014.

NASSAR, Raduan. *Lavoura arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. Organização Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.